

---

STEPHEN R. STOER

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

ALMERINDO JANELA AFONSO

Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho

## 25 Anos de Sociologia da Educação em Portugal:

### alguns percursos, problemáticas e perspectivas

---

307

*Tomando como ponto de partida algumas sínteses produzidas na segunda parte da década 80 e início da década de 90, os autores tentam reflectir sobre o que têm sido os 25 anos de sociologia da educação em Portugal. Para realizar esta tarefa, numa primeira parte do artigo aborda-se a questão da consolidação deste campo científico traçando alguns dos seus desenvolvimentos recentes e relacionando-os com o estado da disciplina há mais ou menos uma década atrás;*

*numa segunda parte, percorrem-se algumas temáticas que caracterizam a evolução do campo até ao momento; numa terceira parte, relacionam-se os trabalhos em sociologia da educação em Portugal com o que os autores denominam de repolitização da educação e de processo da reforma educativa; e, finalmente, na última parte, considera-se a internacionalização do campo através de uma breve análise do impacto da globalização sobre a sociologia da educação em Portugal.*

**E**ste artigo procura dar continuidade a uma linha de investigação sobre o desenvolvimento da sociologia da educação em Portugal, para a qual têm contribuído, entre outros, alguns dos trabalhos de que aqui faremos referência. Neste sentido, retomam-se e actualizam-se, em particular, a antologia de textos *A sociologia na escola: professores, educação e desenvolvimento* (Esteves e Stoer, 1992), um trabalho em que nós próprios estivemos envolvidos, bem como outros textos de natureza similar, tais como a contribuição de Licínio C. Lima (1996) – «Construindo um objecto: para uma análise crítica da investigação portuguesa sobre a escola»; o trabalho de J. Alberto Correia e Stephen R. Stoer (1995) – «Investigação em Educação em Portugal»; a síntese temática de Ana Benavente (1990) – «Insucesso escolar no contexto português: abordagens, concepções e políticas»; e os conteúdos das actas do colóquio, organizado por Teresa Ambrósio, subordinado ao tema «Estado Actual da Investigação em Formação» (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1995).

Estes trabalhos possibilitam ao leitor o acesso a informação e bibliografia fundamentais sobre o contexto e o desenvolvimento da sociologia da educação em Portugal, particularmente para o período entre meados dos anos sessenta e meados dos anos oitenta. Não sendo oportuno repetir neste momento o que pode ser consultado nos trabalhos anteriores, gostaríamos ainda assim de retomar alguns dos eixos de análise neles sinalizados de modo a perceber melhor algumas das continuidades ou descontinuidades que vieram a ter expressão na investigação e no debate sociológicos, já nos anos noventa. No entanto, mais do que fazer uma análise exaustiva de tudo o que ocorreu nas últimas décadas no campo da sociologia da educação em Portugal, procuraremos antes configurar alguns vectores em torno dos quais se pode produzir uma reflexão sobre o estado actual desta disciplina, ou seja, sobre a sua evolução nestes vinte e cinco anos após o 25 de Abril de 1974, num momento muito próximo da viragem do século. Neste contexto, a nossa preocupação será sobretudo a de avaliar em que medida, e em que dimensões, se desenvolveu o campo da análise sociológica da educação, que razões ou factores impulsionaram ou não esse desenvolvimento, e que trajectória evolutiva poderá ocorrer num futuro próximo. Em sentido amplo, trata-se de uma perspectiva analítica comparada pois aquilo que é estabelecido como critério de desenvolvimento deste campo científico em Portugal não é alheio ao conhecimento que possuímos relativamente ao que ocorre em outros contextos nacionais, quer estes sejam os que estão mais perto de nós, como alguns dos países com os quais partilhamos o continente europeu, quer sejam aqueles que melhor conhecemos, ou estamos particularmente interessados em conhecer (e aqui o exemplo do Brasil é particularmente relevante). Para além disto, e num esforço (ainda provisório) de delimitação do campo da sociologia da educação em Portugal, teremos sobretudo em conta o desenvolvimento daquelas problemáticas que considerámos serem as mais representativas ou que, em termos de publicação, tiveram maior visibilidade social e académica – conscientes, contudo, de estar a correr o risco de deixar de referenciar outros trabalhos importantes, sobretudo aqueles ainda não publicados. Finalmente, interessa-nos considerar brevemente o impacto da globalização no desenvolvimento do campo da sociologia da educação em Portugal. Quais são os sinais da internacionalização deste campo? Como é que os «localismos globalizados», na designação de Boaventura de Sousa Santos, se

têm traduzido no espaço português? Será possível identificar nos trabalhos mais recentes dos sociólogos da educação alguma preocupação em capitalizar as especificidades portuguesas de forma a incluir a globalização na concepção de um processo integrado de desenvolvimento?

A sociologia da educação é um campo de conhecimento e de investigação que tem vindo a consolidar-se em Portugal, sobretudo nas duas últimas décadas e meia. É hoje relativamente consensual reconhecer, nomeadamente por razões históricas que têm a ver com a especificidade do regime autoritário português anterior ao 25 de Abril de 1974, que a sociologia como ciência social foi durante muito tempo silenciada ou, na melhor das hipóteses, confinada a círculos de investigação que ousaram alguma expressão científica divergente e, em muitos casos, talvez tenha apenas encontrado formas de sobreviver diluindo os seus contributos sob outras designações disciplinares. Mesmo nesta situação, sabemos que a produção sociológica em sentido restrito e, em sentido lato, a produção referenciada ou referenciável à sociologia da educação não deixaram de dar sinais de alguma vitalidade já nos anos sessenta e setenta quando, por exemplo, trabalhos importantes sobre o papel da universidade portuguesa foram publicados numa das revistas que tem entre nós maior tradição no campo das ciências sociais, a *Análise Social*. Como era de esperar, foi com a mudança social, política, económica e cultural que ocorreu na sequência do 25 de Abril de 1974 que a sociologia da educação teve oportunidade de se desenvolver e de ganhar maior visibilidade social e académica, ainda que percorrendo trajectórias com especificidades muito próprias, como a seguir veremos.

No texto «Notas sobre o desenvolvimento da sociologia da educação em Portugal» (Stoer, 1992) traçou-se um percurso desta disciplina e sublinhou-se o facto de a sua inserção ao nível do ensino superior ter ocorrido somente após o período revolucionário de 1974-76. Como se sabe, a década de setenta foi uma época de importantes mudanças estruturais. Este facto, aliado à natureza periférica do desenvolvimento do País, teve fortes implicações no aparecimento da disciplina da sociologia da educação, pelo que, nos anos a seguir ao período revolucionário, «apareceram variados trabalhos aproveitando este terreno rico de mudança educativa e das políticas daí resultantes» (Stoer, 1992: 35-36).

**A sociologia  
da educação  
no ensino  
superior  
depois de  
Abril de 1974**

Interessante, e talvez único em países europeus em anos recentes, foi o que chamámos «a 'sociologização' dos estudos educativos» em Portugal, processo esse resultante das mudanças substantivas e rápidas dos anos 70. Assim, sustentámos:

O efeito imediato do 'subdesenvolvimento' da pedagogia, da psicologia da educação e das ciências da educação em Portugal (apesar dos avanços importantes alcançados ao longo da década de 50 e especialmente na década de 60), aliado à orientação socialista da revolução de Abril, foi no sentido de impedir a incorporação epistemológica imediata da sociologia da educação na área das ciências da educação. Um efeito secundário e negativo deste facto foi uma redução gradual da produção de estudos educativos de natureza sociológica e uma contracção geral da sociologia, tanto ao nível da escola secundária como em cursos de formação de professores, efeito que se tornou particularmente evidente com o começo da 'normalização' a partir de meados da década de 1970. (Stoer, 1992: 36)

Neste contexto, um dos principais resultados da investigação foi a produção de numerosos trabalhos sobre «as realidades portuguesas» – agora redescobertas – escritos por analistas vindos de diferentes formações, embora quase sempre das ciências sociais. Era o social, o económico e o cultural que interessava analisar, sobretudo para dar forma à construção de um projecto de sociedade que se tinha em mente. Com a passagem do tempo, porém, uma certa institucionalização da disciplina de sociologia da educação vai acontecendo, especialmente com o aparecimento, durante a década de oitenta, de cursos de mestrado em várias áreas das ciências sociais e das ciências da educação, e com o início de investigação realizada em diferentes domínios da relação educação-sociedade.

No trabalho já atrás referenciado, além de se dar ênfase ao facto de a então recente sociologia da educação em Portugal ser marcada «por correntes de pensamento sociológico que se dividem entre a influência de autores de origem anglo-saxónica e os da sociologia francesa», falámos ainda de um relativo isolamento disciplinar por falta de debate e comentário crítico, mas também salientámos a abertura de novas áreas na análise sociológica da educação, e sinalizámos o facto de quase todos os trabalhos produzidos serem «altamente críticos acerca do sistema de ensino existente (deficiências materiais, reprodução de desigualdades) e, em geral, da educação liberal (e da 'meritocracia')» (Stoer, 1992: 38-39).

Passados vários anos, é agora interessante confrontar as considerações anteriores com o que entretanto ocorreu. Em relação às correntes de pensamento sociológico (e educativo), por exemplo, pode defender-se que, de facto, continua a haver uma forte identificação das pessoas que trabalham no campo de sociologia da educação ou com a escola anglo-saxónica ou com a escola francesa, embora as análises mais interessantes pareçam tender cada vez mais a serem informadas pelo pensamento de ambas. Também não é de subestimar, especialmente em anos recentes, a influência de autores de origem brasileira e espanhola – em qualquer dos casos uma influência recíproca que vai sendo alimentada pela recepção de trabalhos e pelo intercâmbio de publicações diversas, para além da participação em congressos ou outros eventos científicos. Esta influência múltipla, se for bem gerida, poderá constituir uma importante mais-valia para a sociologia da educação portuguesa.

Paralelamente a estes últimos indicadores, parece haver nos últimos anos um relativo aumento da individualização do trabalho que tem tido como resultado a fragmentação das equipas de investigação<sup>1</sup>. O crescimento e complexificação natural do campo, a «intensificação» do trabalho (Hargreaves, 1994), a competição inerente às carreiras académicas, as lógicas internas aos diferentes grupos disciplinares e departamentos universitários, e a própria internacionalização (que tem produzido outras redes de investigação que não aquelas que se desenvolvem através do espaço nacional), têm contribuído para *isolar* os investigadores.

Por outro lado, nunca como agora existiram tantos espaços disponíveis para o debate e a troca de conhecimentos. Aliás, no sentido de promover o aproveitamento desses espaços, temos vindo a alertar em trabalhos recentes para a necessidade de fortalecer o que Basil Bernstein designa como o «campo de recontextualização pedagógica» (Stoer, 1994a; Cortesão e Stoer, 1997), isto é, fortalecer o espaço

<sup>1</sup> Um dos indicadores que denunciam esta fragmentação é a ausência de encontros entre os membros da comunidade de sociólogos da educação — encontros que em outros momentos se realizaram com manifesto interesse e capacidade de mobilização (a este propósito, ver APS/SPCE, 1991) — e também a baixa frequência de discussões sistematizadas em torno da configuração do campo da análise sociológica da educação, dos seus objectos ou das respectivas estratégias de investigação e de desenvolvimento. Para alguns exemplos que contrariam este cenário, ver A. Joaquim Esteves (1992) e o interessante debate entre Telmo Caria (1995) e José Resende e Maria Vieira (1995).

que gera os enquadramentos, as possibilidades da teoria pedagógica, da investigação sobre educação e das práticas educativas. E dado que a arrogância do poder político face à produção científica em educação parece desenvolver-se, em grande medida, em proporção ao subdesenvolvimento desse campo, a institucionalização da sociologia da educação em Portugal terá também contribuído (e deve continuar a contribuir) para o fortalecimento do campo de recontextualização pedagógica.

Embora o tamanho relativamente pequeno do país e o desenvolvimento relativamente recente da disciplina não facilitem o aparecimento de departamentos de sociologia da educação (é de assinalar, contudo, a criação recente do Departamento de Sociologia da Educação e Administração Educacional do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho), existem outros indicadores que dão uma ideia do grau de consolidação deste campo. Um desses indicadores é o número crescente de dissertações de doutoramento, bem como o número de provas (por exemplo, relatórios para professor associado ou provas de agregação), destinadas à progressão na carreira académica nas universidades ou institutos politécnicos, que se auto-referenciam (ou podem ser referenciadas) ao campo da sociologia da educação (entre outras, Araújo, 1993; Martins, 1996; Afonso, 1997a; Caria, 1997; Costa, 1997; Gomes, 1998). Naturalmente, um outro indicador diz respeito aos projectos de investigação reconhecidos e apoiados pelas principais agências de financiamento científico, bem como ao número e qualidade das publicações. Relativamente a este último indicador, e independentemente da capacidade de os investigadores publicarem, é crucial o número e a qualidade das revistas científicas e dos editores disponíveis.

Embora esteja fora do âmbito deste trabalho apresentar, de acordo com os indicadores anteriores, evidência empírica sistemática sobre os avanços no campo da sociologia da educação, ou em campos de fronteira e de intersecção (como o campo da sociologia das organizações educativas, da sociologia do currículo e da educação intercultural, da antropologia da educação, entre outros), é possível constatar a existência de progressos neste domínio que devem ser assinalados. Devido ao nosso particular envolvimento, gostaríamos de mencionar a este propósito o aparecimento, em 1994, da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, que salientava no seu primeiro editorial:

Um grupo de docentes e investigadores das áreas de Sociologia e Antropologia da Educação de diversas Universidades e Escolas Superiores de Educação do país tomou a decisão de lançar uma nova revista, atendendo a que neste momento não existe uma publicação periódica destas áreas de especialização, embora haja um número considerável de professores e/ou investigadores cujo campo de actuação/reflexão se situa neste âmbito. Assim criámos a *Associação de Sociologia e Antropologia da Educação*, Associação essa sem fins lucrativos e de carácter cultural, tendo por objectivos a publicação de estudos e outros textos através duma revista. O nome da revista, *Educação, Sociedade e Culturas*, tenta exprimir não só a ligação e o desenvolvimento mútuo que queremos promover entre a Sociologia e a Antropologia da Educação como também o aproveitamento que se pode fazer desta ligação para estabelecer e aprofundar o diálogo entre culturas nesta época de globalização [...].

Nesse mesmo número, explicava-se que o público-alvo da revista, além dos docentes e investigadores das áreas de sociologia e antropologia da educação, abrangeria professores de todos os níveis de ensino, os estudantes das licenciaturas e bacharelatos em ciências da educação, sociologia, antropologia, serviço social e outras ciências sociais e humanas, mestrandos e doutorandos destas mesmas áreas, estudantes das escolas de formação de professores e educadores (quer ao nível da formação inicial, quer ao nível da formação contínua), assistentes sociais e outros animadores e trabalhadores comunitários ligados ao campo da educação.

Uma das características mais inovadoras da revista *Educação, Sociedade & Culturas* tem sido a publicação sistemática de uma secção intitulada «Diálogos sobre o Vivido» que visa a prossecução dos seguintes objectivos editoriais:

- construir um espaço de diálogo e reflexão que tenha como centro as experiências vivenciadas pelos actores sociais;
- interrogar os especialistas sobre as realidades existentes fora do seu quadro de trabalho;
- romper com o formalismo teórico, evitando que os dados sejam meras ilustrações dos modelos pré-construídos;
- reconhecer a legitimidade, no âmbito do trabalho científico, da racionalidade dos actores sociais (dentro da sua diversidade);

- romper com as abordagens jornalísticas e normativas de análise e crítica da educação;
- abrir portas para novos problemas e teorias, fomentando o cruzamento de várias disciplinas das ciências sociais e humanas.

A publicação de uma secção temática baseada nestes parâmetros constitui, não só uma tentativa de preencher uma lacuna – já anteriormente apontada quando afirmámos que «gostaríamos de ver mais estudos etnográficos no campo educativo» (Stoer, 1992: 41) –, como pode também significar a importância de actualizar periodicamente algumas das opções metodológicas da sociologia da educação, assim sinalizadas por José Alberto Correia:

A partir da década de 70, a sociologia da educação não se limitou a 'registar' e a analisar as transformações do campo educativo que apelavam para um olhar que se descentrasse do Estado para melhor compreender tanto a intervenção do Estado como as práticas dos actores educativos. A crítica ao estadocentrismo que se acentuou com a atribuição de uma importância social acrescida a novos actores educativos que se construíam na interface das fronteiras dos objectos empíricos da sociologia e da psicologia da educação articulou-se com o reforço da crítica às concepções 'objectivistas' e às ilusões dos determinismos universalistas. O 'discurso sociológico' em educação redescobriu uma tradição fenomenológica no campo da sociologia e 'inventou' problemas e campos de investigação originais que anunciavam a possibilidade de um 'diálogo interdisciplinar' sustentado em pressupostos novos. (Correia, 1998: 106)

De facto, este diálogo interdisciplinar parece estar bem exemplificado nas temáticas que têm sido desenvolvidas na revista durante os primeiros cinco anos (e dez números) da sua existência: abordagens sociológicas e antropológicas das culturas (por exemplo, da cultura cigana e da cultura feminina); análises das políticas educativas contemporâneas (incluindo a dos efeitos do neoliberalismo na educação); perspectivas da antropologia e da sociologia da infância, bem como contribuições sobre o desenvolvimento e democratização da *escola para todos*; valorização das questões da escrita e da oralidade, e da lógica heterogénea e intercultural do processo educativo; reflexões sobre a educação na transição pós-moderna; resultados de investigação a partir de projectos centrados na educação inter/multicultural; e ainda um número temático sobre a obra de Paulo Freire.



As áreas temáticas representadas no campo da sociologia da educação, e que em trabalho anterior foram sinalizadas (Stoer, 1992), relacionavam-se com a discriminação sexual na educação, a reprodução cultural e a mudança social, a relação entre a educação e a produção capitalista, a análise sistémica na educação, a alienação na escola, a sociologia da pedagogia, a sociologia da inovação, a sociolinguística e o discurso na aula, a posição de classe dos professores, o profissionalismo e o sindicalismo. É interessante agora verificar que essas áreas (que eram, em muitos casos, pouco mais do que os próprios temas de alguns trabalhos realizados) ou se transformaram em novos eixos de investigação na sociologia da educação, ou se rearticularam com eixos já existentes. Neste sentido, por exemplo, alguns trabalhos de dominância mais microsociológica, quase sempre motivados por preocupações genericamente imputáveis à formação de professores, apareceram em momentos muito específicos e não tiveram senão escassa sequencialidade (Formosinho, 1980; Afonso, 1988, 1991a, 1991b); outros, de duração mais longa e correspondendo a interesses menos conjunturais, têm, nesse mesmo contexto de formação de professores e utilizando sensivelmente os mesmos quadros interaccionistas, continuado a circunscrever-se a problemáticas como as «estratégias dos alunos» ou a «análise sociológica da interação na sala de aula» (Gomes, 1987, 1993, 1998).

Ainda no âmbito da formação de professores, elaborou-se na primeira metade da década de oitenta um conjunto de textos sobre noções de sociologia da educação que veio posteriormente a ser publicado numa das primeiras colectâneas neste domínio exclusivamente integrada por autores portugueses (Lemos-Pires *et al.*, 1991). Um dos textos desta colectânea assinala o interesse pela análise da avaliação escolar – que outros trabalhos já tinham anteriormente considerado (Cortesão e Torres, 1981, 1983) –, e que seria mais tarde retomada, por diferentes autores, como uma das problemáticas que acabou por configurar alguns dos interesses de investigação no campo da sociologia da educação nos anos noventa, quer numa perspectiva mais pedagógica (Cortesão, 1992; Reis e Salgado, 1993; Morais e Miranda, 1995), ou com uma focalização epistemológica (Fernandes, 1998), quer numa perspectiva mais organizacional (Afonso e Estêvão, 1992), quer ainda numa perspectiva enquadrada numa análise mais ampla das políticas educativas contemporâneas (Afonso, 1994, 1997a; Lima, 1997a).

**Algumas  
temáticas  
sociológicas:  
evolução e  
situação  
actual**

Como exemplo de trabalhos de investigação que têm vindo a manter uma grande continuidade temática, embora com *nuances* importantes que traduzem uma evolução, actualização e complexificação crescentes, podemos referir alguns dos que, não deixando de se referenciar ao campo da sociologia da educação, têm sido capazes de convocar outras perspectivas disciplinares, como a sociologia das profissões, a história das mulheres e a sociologia das questões de género (Araújo, 1985, 1990, 1992, 1993, 1999), assim contribuindo para fortalecer uma linha de investigação que vai também produzindo as suas próprias influências e alcançando uma crescente visibilidade social e académica no contexto português (Magalhães, 1998; Custódia Rocha, 1998; Cristina Rocha, 1998).

Um outro conjunto de trabalhos de investigação com grande continuidade temática e com algumas especificidades metodológicas tem vindo a ser produzido pela equipa liderada por Ana Maria Morais da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – uma equipa de investigadoras com preocupações muito centradas na análise das reformas educativas, das práticas de socialização e de ensino (sobretudo do ensino das ciências), e que procura retomar e reatualizar no contexto português os pressupostos da sociologia de Basil Bernstein (entre outros, Domingos *et al.*, 1986; Morais *et al.*, 1993; Neves e Morais, 1998).

Se é verdade que, ao longo destas últimas duas décadas e meia, as análises sociológicas que privilegiaram o campo educativo abordaram uma relativa diversidade temática – denotando, por vezes, uma estratégia de actualização que procura acompanhar as agendas de investigação em contextos mais avançados –, também é possível constatar, neste mesmo período, que algumas temáticas são recorrentes, dando lugar ao aparecimento de trabalhos eventualmente remissíveis para as mesmas ou para idênticas preocupações. Estamos aqui a considerar, por exemplo, os trabalhos publicados sobre o abandono e insucesso escolar (Benavente *et al.*, 1994), posteriores à primeira síntese sociológica realizada sobre esta temática (Benavente, 1990), e também todos aqueles que, muito embora não se centrando no insucesso escolar em sentido restrito, com este mantêm alguma continuidade nas formas como interrogam os processos de escolarização e as suas relações com o mercado de trabalho ou com os mecanismos de exclusão social. Referimo-nos, por exemplo, ao *Estudo Nacional de Literacia* que revela, entre outros aspectos, que muito adultos têm sérias dificuldades de

processamento da informação escrita que lhes diminuem a capacidade de participação na vida social «em planos como os do exercício da cidadania, das possibilidades profissionais e do acesso à cultura» (Benavente *et al.*, 1996: 396), bem como a outros trabalhos que, nessa mesma linha, têm vindo a problematizar as formas de «regressão cultural» (Pinto, 1994: 178) relacionando-as, quer com as «contradições entre o processo educativo e as lógicas dominantes no campo económico-profissional», quer com as questões mais amplas da reprodução das desigualdades e da exclusão social (Pinto e Queiroz, 1996: 41; ver também Pinto, 1996; Reis, 1997).

Ainda dentro do que poderemos considerar como novos eixos no interior do campo da sociologia da educação (ou em campos que com este mantêm uma relação de proximidade ou de interface), têm vindo a desenvolver-se investigações de natureza etnográfica que buscam uma confluência da sociologia e da antropologia (Caria, 1994, 1997); trabalhos e projectos que configuram uma sociologia da educação multi e intercultural (Cortesão e Stoer, 1995b; Souta, 1997); investigações que poderíamos considerar próximas de uma sociologia da educação tecnológica, quer numa vertente mais histórico-conceptual (Correia, 1996), quer numa vertente mais identificada com uma sociologia histórica das instituições de ensino (Grácio, 1986, 1998); análises mais ou menos próximas de uma sociologia política da educação (Stoer, 1986, 1994b; Nóvoa, 1993; Teodoro, 1994, 1995; Afonso, 1997c, 1998b; Antunes, 1996); investigações mais empenhadas em construir uma sociologia das organizações educativas e da administração educacional (Lima, 1991, 1997b; Estêvão, 1991, 1998; Barroso, 1995), nalguns casos com pontes mais evidentes com a sociologia da educação (Lima, 1998); contribuições mais conotadas com uma sociologia da educação não-escolar, das comunidades educativas e dos projectos de desenvolvimento local (Silva, 1991, 1994; Afonso, 1992; Lima, 1994; Canário, 1997b; Alves *et al.*, 1996, 1997); e, entre muitos outros, trabalhos que podem ajudar a circunscrever uma sociologia do ensino superior (Resende e Vieira, 1993; Vieira, 1995; Arrota, 1996; Cabrito, 1997; Grácio, 1997).

Apesar de se poder afirmar que a reforma educativa não suscitou grandes trabalhos ou análises científicas até ao início da década de noventa (Nóvoa, 1991: 45), ela constituiu a partir dessa data um dos temas de estudo privilegiados pela

**A  
repolitização  
da educação  
e o processo  
da reforma  
educativa**

investigação em educação e, especificamente, pela sociologia da educação. A esse propósito se produziram trabalhos que procuraram esclarecer algumas das especificidades das políticas sociais e educativas portuguesas, frequentemente tendo como referência quer as mudanças que estavam a ocorrer em países centrais, quer as expectativas e condicionantes da integração de Portugal na então Comunidade Económica Europeia. Neste contexto, o *novo vocacionalismo* foi um dos eixos da reforma educativa pelos quais se interessou mais cedo a análise sociológica. Discutido como uma das medidas destinadas a maximizar a articulação da escolaridade com o mercado de trabalho, num contexto de reestruturação produtiva em que as preocupações com a democratização da educação tendem a ser secundarizadas face à reconstrução da lógica da acumulação (Stoer *et al.*, 1990), o *novo vocacionalismo*, concretizado em Portugal nomeadamente através do projecto Minerva e da criação das escolas profissionais, indicia um outro mandato para o sistema educativo que irá assentar na reinterpretação do papel do Estado, na valorização dos *parcerias* e na *diversificação da educação* (Antunes, 1998a) – dimensões e vectores que não de alimentar um dos debates mais importantes sobre as políticas de educação no final dos anos oitenta e início dos anos noventa (por exemplo, Stoleroff e Stoer, 1989; Correia, 1990, 1991; Azevedo e Imaginário, 1991; Stoer, 1991). Aliás, algumas tentativas de despolitização da educação, induzidas pelo *processo de normalização* que se seguiu ao *período revolucionário* de 1974-76, bem como o aparecimento de análises funcionalistas congruentes com a defesa de uma solução vocacionalista, não deixam de servir também de motivação para estes debates, a partir dos quais as análises sociológicas mais críticas procuraram não apenas desconstruir a ortodoxia emergente (apostada em rotular de *demagógicos* e de *marxistas* todos os que divergissem do discurso pedagógico oficial), como procuraram também desocultar um leque bastante variado de posicionamentos, que iam da tecnocracia mais pura e aparentemente inocente até à defesa grosseira de determinações estruturais.

Em Portugal, a reforma educativa de meados dos anos oitenta e início dos anos noventa coincidiu com o impacto do neoliberalismo. Alguns dos trabalhos realizados no domínio da sociologia da educação enfatizam bem esse facto quando procuram captar os seus efeitos neste país da (semi)periferia europeia e as especificidades da sua tradução na educação

portuguesa – especificidades para as quais se chama a atenção quando se equaciona a existência de uma «simultânea crise e consolidação da escola de massas» (Stoer e Araújo, 1992; Stoer, 1994b), ou quando se sugere a presença de um «neoliberalismo educacional mitigado» (Afonso, 1997b).

Em forte conexão com esta linha de interpretação, alguns autores procuram esclarecer os contornos, ambiguidades e implicações do *discurso (e da ideologia) da modernização*, que então se manifesta, discutindo-os quer como justificação (ou fonte de legitimação) das decisões de política educativa (Correia *et al.*, 1993), quer como reatualização de uma racionalidade tayloriana e gerencialista (Lima, 1994), quer ainda como discurso e ideologia relativamente autónomos face ao neoliberalismo então emergente (Afonso, 1998a), mas cumprindo, por isso mesmo, uma função mais agregadora de vontades e motivações em ordem a um modelo de desenvolvimento que é proposto como saída para superar o que é percebido como atrasos e défices estruturais de um «país fora de moda» (Antunes, 1998a).

Dando continuidade a uma linha de investigação marcada pelo trabalho seminal de Raúl Iturra (1990a, 1990b), a antropologia da educação vem disponibilizando, desde o início da década de noventa, um conjunto importante de contribuições que têm ajudado a interrogar com grande originalidade as especificidades educacionais portuguesas (Porto, 1991; Raposo, 1991; Reis, 1991; Vieira, 1992). São contribuições que, pelo facto de privilegiarem a compreensão dos processos educativos em contextos rurais e semi-rurais, tiveram também repercussões no próprio debate em torno da reforma educativa de meados dos anos oitenta a meados dos anos noventa – um debate marcado, por um lado, pela crítica à escola monocultural e urbana e, por outro, pela exigência de que esta mesma escola se assumisse como lugar de socialização e de aquisição de competências para o mundo do trabalho, mas também, simultaneamente, um debate que ajudou a promover uma relativa inflexão no sentido de uma *escola para todos* como base necessária para a concretização (mínima) de direitos sociais e humanos básicos.

Algumas das tensões que atravessaram neste período a escola de massas foram também estudadas em trabalhos sociológicos de natureza mais etnográfica (Stoer e Araújo, 1992; Pinto, 1998), ou em trabalhos de focalização mais *macro* onde se procura o significado de programas e medidas destinados ao ensino básico (como o PIPSE e o PEPT) à luz

320

**A  
globalização  
e a  
sociologia da  
educação em  
Portugal**

dos direitos sociais e culturais referenciáveis ao modelo político do Estado-providência (Afonso, 1997c), ou ainda através da análise da escola a partir de uma interpretação do «paradigma pedagógico da modernidade» (Cabral Pinto, 1995; 1996).

A crise das políticas distributivas do Estado que se anuncia a partir do final dos anos 60 com 'as redistribuições a aumentarem a um ritmo mais lento do que as reivindicações de melhor redistribuição [contribuiu para que se reconhecesse] que era, afinal, cada vez menor a felicidade que os Estados tinham para oferecer' (Wallerstein *et al.*, 1996: 116) e, como corolário deste reconhecimento, a ideia de que o Estado constituiria naturalmente a moldura conceptual das ciências sociais 'passou a estar aberta à discussão e a um questionamento muito sério' (*ibid.*: 117). A importância acrescida que foi atribuída aos fenómenos transestatais e transnacionais na sequência do reconhecimento de que o Estado não 'constitui a fronteira natural – ou sequer a mais importante – da acção social' (*ibid.*: 120) traduziu-se numa reconstrução dos objectos de estudo das ciências sociais e na produção de um conjunto de 'descoincidências articuladas' entre a espacialidade e a temporalidade dos objectos empíricos e as respectivas matrizes conceptuais. (Correia, 1998: 105-106)

Defendemos em outra oportunidade (Stoer, 1992) que precisavam de ser investigados dentro do sistema educativo os efeitos resultantes do choque entre um renovado apelo para a modernização de Portugal e as exigências (e promessas) surgidas da revolução de 1974/75 para que este processo de modernização se enquadrasse num projecto social global «desenvolvendo o bem-estar nacional». Isto significava que era preciso investigar de que maneira o sistema educativo continuava a ser reflexo dessas experiências e influências anteriores, sem deixar simultaneamente de ter em conta as repercussões da entrada de Portugal na União Europeia, ou os novos impactos da globalização no campo educativo (e nas análises sociológicas da educação).

De facto, no fim da década de oitenta, princípio da década de noventa, o impacto da ideologia do neoliberalismo na educação começou a sentir-se com alguma intensidade na educação portuguesa. Já se sabia então que as consequências dessa mesma ideologia num país como a Inglaterra tinham sido tremendas para a sociologia da educação (diferentemente do que aconteceu, por exemplo, em França). Na ver-

dade, num curto espaço de tempo, esta disciplina quase desapareceu dos cursos do ensino superior, transformando-se, em muitas universidades, numa área temática chamada *policy studies* – quase como se a sociologia da educação tivesse tido a necessidade de entrar na clandestinidade. A súbita vulnerabilidade da sociologia da educação na Inglaterra de Margaret Thatcher (e na América de Ronald Reagan) aos ataques neoliberais ainda não está suficientemente analisada, embora já haja trabalhos proporcionando pistas de explicação muito interessantes (a este propósito, ver, por exemplo, Barton e Whitty, 1988; Dale, 1992). É certo que a disciplina foi vista por muitos como *irrelevante* para a eficácia do sistema, ou mesmo como *prejudicial* para as reformas em curso, devido à sua suposta convivência com os defensores da escola pública e da manutenção da intervenção do Estado na educação, acusados pelos neoliberais de serem quase *parasitas* do sector público. Também é verdade que a sociologia da educação reagiu a esses ataques, desenvolvendo mesmo uma pequena *indústria de resistência* alimentada, por exemplo, por muitos dos trabalhos críticos de Michael Apple e Henry Giroux, nos Estados Unidos, e de Roger Dale e Geoff Whitty, em Inglaterra.

Pode defender-se que foi nesta mesma década dos anos noventa que a sociologia da educação em Portugal começou a ter em consideração os processos de globalização. O repensar das suas fronteiras (desde sempre difíceis de delimitar) e a urgência de reorganizar a respectiva divisão do trabalho em novos moldes<sup>2</sup> passam a ser concomitantes com a necessidade de encontrar novas formas de análise e novos modos de organizar os *olhares* no âmbito do campo sociológico da educação – em qualquer dos casos, estratégias fundamentais para lidar com a complexidade inerente às novas «descoincidências articuladas» decorrentes das mutações espaço-temporais impostas pela globalização, e com refle-

2 A seguinte citação de Wallerstein/Comissão Calouste Gulbenkian (1996) exemplifica, em termos mais gerais, o que está em causa: «É certo que estamos a assistir ao surgimento de grupos específicos de cientistas sociais (e mesmo de outros que o não são) unidos por interesses ou áreas temáticas concretos, como sejam a população, a saúde, a linguagem, etc. Estamos a assistir ao surgimento de grupos unidos pelo nível de análise (concentração na acção social individual; concentração em processos sociais de grande escala e de longo alcance). Independentemente de hoje em dia as distinções temáticas ou a distinção 'micro/macro' serem ou não formas ideais de organizar a divisão do trabalho no saber associado às ciências sociais, a verdade é que elas são pelo menos tão plausíveis como distinguir, por exemplo, entre o económico e o político.» (1996: 136).



xos incontornáveis nos quadros teórico-conceptuais em redefinição – quadros que, entre nós, não podem ser repensados sem atender também às especificidades inerentes a Portugal como país semiperiférico (ver, por exemplo, Santos, 1985, 1990).

Neste contexto, a tradicional relutância dos sociólogos da educação em olhar para a dinâmica mais ampla da mudança educativa – devido ao facto de, como dizíamos há alguns anos (Stoer, 1992: 35), terem preocupações mais circunscritas à análise do currículo escolar ou às questões da estratificação, mobilidade social e reprodução cultural – parece ter sido definitivamente posta em causa. Indicador importante destas alterações na investigação é também a tendência da sociologia da educação de se aliar com outros campos da sociologia, assim se assumindo quer como uma sociologia política da educação, quer como uma sociologia da educação tecnológica, quer ainda como uma sócio-antropologia da educação.

No âmbito destas três áreas de trabalho, ou em outras como a sociologia da educação comparada e a sociologia da educação de adultos e dos projectos locais, têm aparecido em anos recentes, e espera-se que ainda mais nos próximos anos, trabalhos sobre a chamada dimensão europeia da educação. Neste domínio, têm sido objecto de análise as tendências europeias para o desenvolvimento dos sistemas educativos (Nóvoa, 1996), bem como as questões da identidade europeia e da sua realização através de uma educação intercultural (Stoer e Cortesão, 1999), os fenómenos da exclusão social e das suas relações com a educação (Cortesão, 1998; Stoer, 1998), e o papel das organizações internacionais como novas formas de governação (Teodoro, 1998; Antunes, 1998b). Ainda a este propósito, outros autores têm também chamado a atenção para

a importância crescente dos conceitos de 'território' e de 'territorialização' da acção educativa [...] na sequência de um apagamento progressivo do nível nacional como o único quadro para pensar as questões educativas, acompanhado, paralelamente, pela emergência de dinâmicas territoriais a nível local. (Alves *et al.*, 1996)

De facto, a relação entre globalização e educação (e, mais especificamente, o impacto da primeira sobre a realidade educativa portuguesa) ainda dará, como se costuma dizer, «muito pano para mangas». Enquadrados já nestes novos



desenvolvimentos, são de assinalar, a título exemplificativo, quer o seminário de doutoramento em Ciências da Educação, sobre o tema «A Escola e os Processos de Globalização: Perspectivas Históricas e Comparadas», coordenado por António Nóvoa da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, quer o projecto de investigação, financiado pelo Programa PRAXIS XXI, «A Sociedade Portuguesa perante os Desafios da Globalização: Modernização Económica, Social e Cultural», que está em realização no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra sob a coordenação de Boaventura de Sousa Santos. Este projecto, que inclui uma área de educação coordenada por Stephen R. Stoer, José Alberto Correia e Luiza Cortesão, vem trabalhando o tema «A Educação e a Transnacionalização dos Mecanismos de Regulação Social e os seus Impactos sobre a Reforma do Sistema Educativo e sobre os Processos Educativos».

323

Estes projectos de ensino e de investigação atrás referidos, para além dos objectivos que mencionam e que prosseguem no contexto científico português, pressupõem também uma preocupação cada vez mais acentuada com a capacitação dos investigadores portugueses para enfrentar os desafios da consolidação e da internacionalização crescentes dos seus respectivos campos.

Aliás, no que diz respeito especificamente aos indicadores de internacionalização dos trabalhos de autores portugueses no campo da análise sociológica da educação, podemos verificar que o panorama actual, ainda longe do que seria desejável, tem vindo a alterar-se. A este propósito, e para além dos trabalhos que anteciparam de alguma forma esta tendência de internacionalização (por exemplo, Stoer e Dale, 1987; Viegas-Fernandes, 1988), podemos hoje registar, entre muitos outros, casos de publicação de trabalhos de sociologia da educação, ou de campos próximos, em importantes periódicos estrangeiros, quer na Inglaterra (Stoer e Cortesão, 1995a, 1999; Araújo, 1992; Lima e Afonso, 1995; Araújo *et al.*, 1996), quer na Espanha (Stoer, 1997; Afonso 1999), quer em Malta (Rui Gomes, 1996), quer na França (Alves-Pinto, 1990; Canário, 1997a), quer no Brasil (Lima e Afonso, 1993).

Michael Apple, num número recente do *British Journal of Sociology of Education*, pergunta se existe uma «sociologia da educação crítica nos Estados Unidos». No que diz respeito à sociologia da educação em Portugal, colocar esta questão parece levar-nos a concluir o que afirmámos ao

longo deste trabalho: por um lado, o desenvolvimento da sociologia da educação em Portugal foi fortemente marcado quer pelo seu renascimento relativamente recente e pela postura que adoptou na desarticulação da ideologia do regime salazarista, quer pelo impulso radical que recebeu devido aos acontecimentos de 1974-76 – os quais resultaram, como se disse anteriormente, em trabalhos «altamente críticos acerca do sistema de ensino existente»; por outro lado, a sociologia da educação, devido em grande parte ao facto de o seu desenvolvimento ocorrer numa época de reestruturação do Estado e de globalização das sociedades, apresenta-se entre nós como um campo muito específico cuja configuração parece resultar muito mais do efeito sinérgico de uma série de percursos, problemáticas e perspectivas do que da manifestação exclusiva da sua matriz disciplinar original.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, Almerindo J. 1988 «Insucesso, socialização escolar e comportamentos divergentes: uma abordagem introdutória», *Revista Portuguesa de Educação*, 1(2), 41-51.
- Afonso, Almerindo J. 1991a *O processo disciplinar como meio de controlo social na sala de aula*. Braga: Universidade do Minho.
- Afonso, Almerindo J. 1991b «Notas para o estudo sociológico da (in)disciplina escolar na formação de professores», *Revista Portuguesa de Educação*, 4(1), 119-128.
- Afonso, Almerindo J. 1992 «Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?», in A. J. Esteves; S. R. Stoer (orgs.), *A Sociologia na Escola: professores, educação e desenvolvimento*. Porto: Afrontamento, 81-96.
- Afonso, Almerindo J. 1994 «A centralidade emergente dos novos processos de avaliação no sistema educativo português», *Forum Sociológico*, 4, 7-18.
- Afonso, Almerindo J. 1997a *Para uma análise sociológica da avaliação nas políticas educativas. A reforma educativa em Portugal e a avaliação pedagógica no ensino básico (1985-1995)*. Braga: Universidade do Minho (dissertação de doutoramento).
- Afonso, Almerindo J. 1997b «O neoliberalismo educacional mitigado numa década de governação social-democrata», *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2), 103-137.
- Afonso, Almerindo J. 1997c «Para a configuração do Estado-providência na educação em Portugal, 1985-1995», *Educação, Sociedade & Culturas*, 7, 131-156.
- Afonso, Almerindo J. 1998a «Modernização, democratização e neoliberalismo: tensões e ambiguidades de uma reforma educativa», *Ler História*, 35, 109-126.
- Afonso, Almerindo J. 1998b «Estado, mercado, comunidade e avaliação: esboço para uma (re)articulação crítica», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 51, 109-135.
- Afonso, Almerindo J. 1999 «Las políticas contemporáneas y la evaluación educacional en Portugal», *Revista de Educación*, 318 (no prelo).
- Afonso, Almerindo J.; Estêvão, Carlos V. 1992 «A avaliação no contexto organizacional da empresa e da escola: fragmentos de percursos comparados», *Revista Portuguesa de Educação*, 5(3), 81-103.
- Alves, Natália et al. 1996 *A Escola e o espaço local*. Lisboa, IIE.
- Alves, Natália et al. 1997 «A escola e o espaço local: políticas e actores», in AAVV, *Escola e comunidade local*. Lisboa, IIE, 9-39.
- Alves-Pinto, Conceição 1990 «L' unification du secondaire: un effet de agrégation de la politique éducative au Portugal», *Revue Française de Sociologie*, 31, 243-256.
- Antunes, Fátima 1996 «Políticas educativas e discursos sobre a educação nos anos 80 e 90: o debate acerca do ensino profissional na

- escola pública», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 46, 157-176.
- Antunes, Fátima 1998a *Políticas educativas para Portugal, anos 80-90*. Lisboa: IIE.
- Antunes, Fátima 1998b «A Comunidade/União Europeia e a transnacionalização da Educação: elementos para debate», *Comunicação ao II Congresso Internacional Educação e Política*. Lisboa, Fac. de Psicologia e de Ciências da Educação/AFIRSE.
- Araújo, Helena C. 1985 «Profissionalismo e ensino», *Cadernos de Ciências Sociais*, 3, 85-103.
- Araújo, Helena C. 1990 «As mulheres professoras e o ensino estatal», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 81-103.
- Araújo, Helena C. 1992 «The Emergence of a 'New Orthodoxy': Public Debates on Women's Capacities and Education in Portugal (1880-1910)», *Gender and Education*, 4(1-2), 7-24.
- Araújo, Helena C. 1993 *The Construction of Primary Teaching as Women's Work in Portugal (1870-1933)*. London: Open University (dissertação de doutoramento).
- Araújo, Helena C. 1999 «Pathways and Subjectivities of Women Primary Teachers through Their Life Histories», in Cathleen Weiler; Sue Middleton (orgs.), *Telling Women's Lives*. Milton Keynes: Open University.
- Araújo, Helena C. 1996 «Teachers, Gender and the Discourse of Citizenship», *International Studies in Sociology of Education*, 6(1), 3-35.
- Arroteia, Jorge 1996 *Ensino Superior em Portugal*. Aveiro: Fundação J. J. Magalhães.
- Carvalho 1991 *O ensino da Sociologia da Educação. Conteúdos e processos*. Coimbra: Secções de Sociologia da Educação da APS e da SPCE.
- APS/SPCE 1991 «Uma hipótese sem fundamento», *Aprender*, 13, 5-9.
- Azevedo, Joaquim; 1991
- Imaginário, Luís
- Barroso, João 1995 «Organização pedagógica e disciplina escolar: uma abordagem sócio-histórica», *Colóquio/Educação e Sociedade*, 10, 75-98.
- Barton, Len; 1988
- Whitty, Geoff «Exercising the Sociological Imagination in Adversity: Sociologists and Teacher Education under Thatcherism», in *Actas da 1ª Conferência Internacional de Sociologia da Educação*. Faro: ESE de Faro, 43-62.
- Benavente, Ana et al. 1994 *Renunciar à Escola. O abandono escolar no ensino básico*. Lisboa: Fim do Século.
- Benavente, Ana et al. 1996 *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Conselho Nacional de Educação.
- Benavente, Ana 1990 «Insucesso escolar no contexto português: abordagens, concepções e políticas», *Análise Social*, XXV(108-109), 715-733.
- Cabrito, Belmiro 1997 «A equidade no sistema universitário português: da universalidade do discurso à contradição das práticas», *Análise Psicológica*, 4(XV), 507-526.

- Canário, Rui 1997a «L'école à la recherche du temps perdu. Les débats sur l'école au Portugal», *Revue Internationale d'Education*, 15, 99-113.
- Canário, Rui 1997b *Introdução à educação de adultos*. Lisboa, Fac. de Psicologia e de Ciências da Educação (Relatório da Disciplina, concurso para Professor Associado).
- Caria, Telmo 1994 «Prática e aprendizagem da investigação sociológica no estudo etnográfico numa escola básica, 2.3», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 41, 35-62.
- Caria, Telmo 1995 «Debater a Sociologia da Educação em Portugal», *Forum Sociológico*, 6, 33-49.
- Caria, Telmo 1997 *O uso do conhecimento em contexto de trabalho. Estudo etno-sociológico da cultura dos professores na conjuntura da reforma educativa (1992-94)*. Vila Real: UTAD (dissertação de doutoramento).
- Correia, J. Alberto 1990 «Escola, novas tecnologias e mercado de trabalho em Portugal», *Aprender*, 11, 42-50.
- Correia, J. Alberto 1991 «O fundamento da hipótese», *Aprender*, 13, 10-14.
- Correia, J. Alberto 1996 *Sociologia da Educação Tecnológica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Correia, J. Alberto 1998 *Para uma teoria crítica em educação*. Porto: Porto Editora.
- Correia, J. Alberto *et al.* 1993 «A ideologia da modernização no sistema educativo em Portugal», *Cadernos de Ciências Sociais*, 12/13, 25-51.
- Correia, J. Alberto; Stoer, Stephen R. 1995 «Investigação em educação em Portugal», in B. Paiva Campos (org.), *A investigação educacional em Portugal*. Lisboa, IIE, 53-75.
- Cortesão, Luiza 1992 «Nos bastidores da avaliação dos alunos», in *Decisões nas Políticas e Práticas Educativas*. Porto: SPCE, 83-92.
- Cortesão, Luiza 1998 *Práticas educativas face à diversidade e investigação-acção*. Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (Relatório da Disciplina, provas de Agregação).
- Cortesão, Luiza; Stoer, Stephen R. 1995a «A interculturalidade e a educação escolar: dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas», *Inovação*, 9, 1-2, 35-52.
- Cortesão, Luiza; Stoer, Stephen R. 1995b *Projects, Pathways, Synergies in the Field of Inter/Multicultural Education – Final Report*. Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, University of Oporto.
- Cortesão, Luiza; Stoer, Stephen R. 1997 «Investigação-acção e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/multicultural», *Educação, Sociedade & Culturas*, 7, 7-28.
- Cortesão, Luiza; 1981 *Avaliação Pedagógica I – Insucesso Escolar*. Porto: Porto Editora.
- Cortesão, Luiza; Torres, M<sup>a</sup> Arminda 1983 *Avaliação Pedagógica II – Perspectivas de Sucesso*. Porto: Porto Editora.
- Costa, L. Dias da 1997 *Culturas e Escola. A sociologia da educação na formação de professores*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Dale, Roger 1992 «Recovering from a Pyrrhic Victory? Quality, Relevance and Impact in the Sociology of Education», in M. Arnot; L. Barton (orgs.), *Voicing Concerns: Sociological Perspectives on Contemporary Education Reforms*. Wallingford: Triangle Books, 201-217.
- Domingos, A. M. et al. 1986 *A teoria de Bernstein em Sociologia da Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Esteves, A. Joaquim 1992 «Sociologia da educação: notas de leitura», in A. J. Esteves; S. R. Stoer (orgs.), *A Sociologia na Escola: professores, educação e desenvolvimento*, Porto: Afrontamento, 97-106.
- Estêvão, Carlos V. 1991 «Ensino privado: algumas dimensões sociológicas em análise», *O Professor*, 22 (3ª série), 35-40.
- Estêvão, Carlos V. 1998 *Redescobrir a escola privada portuguesa como organização*. Braga: Universidade do Minho.
- Fernandes, Margarida 1998 «A mudança de paradigma na avaliação educacional», *Educação, Sociedade & Culturas*, 9, 7-32.
- Formosinho, João 1980 «As bases de poder do professor», *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XIV, 301-328.
- Gomes, Carlos Alberto 1987 «A interacção selectiva na escola de massas», *Sociologia – Problemas e Práticas*, 3, 35-49.
- Gomes, Carlos Alberto 1993 «Estratégias na sala de aula: questões teóricas e metodológicas», in *Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia*. Lisboa: Fragmentos, vol. II, 602-615.
- Gomes, Carlos Alberto 1998 *Conflito e cooperação na escola secundária portuguesa. Uma análise sociológica da interacção na sala de aula*. Braga, Universidade do Minho (dissertação de doutoramento).
- Gomes, Rui 1996 «The Reform of Mass Schooling in Portugal, 1974-1991», *Mediterranean Journal of Educational Studies*, 1(1), 29-42.
- Grácio, Sérgio 1986 *Política educativa como tecnologia social – As reformas do ensino técnico de 1948 e 1983*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Grácio, Sérgio 1997 *Dinâmicas da escolarização e das oportunidades individuais*. Lisboa, Educa.
- Grácio, Sérgio 1998 *Ensinos técnicos e política em Portugal (1910-1990)*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hargreaves, Andy 1994 *Changing Teachers, Changing Times*. London: Cassell.
- Iturra, Raúl 1990a *Fugirás à escola para trabalhar a terra*. Lisboa: Escher.
- Iturra, Raúl 1990b *A construção social do insucesso escolar*. Lisboa: Escher.
- Lemos-Pires, E. et al. 1991 *A construção social da educação escolar*. Porto, Asa.
- Lima, Licínio C. 1991 «Sociologia das organizações educativas e da administração educacional», *O Professor*, 22 (3ª série), 58-62.
- Lima, Licínio C. 1994 «Modernização, racionalização e optimização: perspectivas neotaylorianas na organização e administração da educação», *Cadernos de Ciências Sociais*, 14, 119-139.
- Lima, Licínio C. 1996 «Construindo um objecto: para uma análise crítica da investigação portuguesa sobre a escola», in J. Barroso (org.), *O estudo da escola*. Porto: Porto Editora, 15-40.

- Lima, Licínio C. 1997a «O paradigma da educação contábil – políticas educativas e perspectivas gerencialistas no ensino superior em Portugal», *Revista Brasileira de Educação*, 4, 43-59.
- Lima, Licínio C. 1997b *Sociologia das Organizações Educativas*. Braga: Universidade do Minho (Relatório da Disciplina, provas de Agregação).
- Lima, Licínio C. (org.), 1994 *Educação de Adultos. Forum I*. Braga: Universidade do Minho.
- Lima, Licínio C. (org.) 1998 *Por favor, elejam a B. O associativismo estudantil na escola secundária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lima, Licínio C.; Afonso, Almerindo J. 1993 «A emergência de políticas de racionalização, de avaliação e de controle da qualidade na reforma educativa em Portugal», *Educação & Sociedade*, 44, 33-49.
- Lima, Licínio C.; Afonso, Almerindo J. 1995 «The Promised Land: School Autonomy, Evaluation and Curriculum Decision Making in Portugal», *Educational Review*, 47(2), 165-172.
- Magalhães, Maria José 1998 *Movimento feminista e educação. Portugal, décadas de 70 e 80*. Oeiras, Celta.
- Martins, António M. 1996 *Escola e mercado de trabalho*. Aveiro: Universidade de Aveiro (dissertação de Doutoramento).
- Morais, A. Maria; Miranda, Clementina 1995 «O contexto de avaliação em ciências – estudo da influência de factores sociológicos», *Revista Portuguesa de Educação*, 8(2), 37-67.
- Morais, A. Maria et al. 1993 *Socialização primária e prática pedagógica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Neves, Isabel P.; Moraes, A. Maria 1998 «Espaço de intervenção do professor na actual reforma educativa: uma análise sociológica», *Educação, Sociedade & Culturas*, 9, 95-140.
- Nóvoa, António 1991 «As ciências da educação e os processos de mudança», in AAVV, *Ciências da Educação e Mudança*. Porto: SPCE, 17-67.
- Nóvoa, António 1993 «The Portuguese State and Teacher Education Reform: A Sociohistorical Perspective to Changing Patterns of Control», in T. Popkewitz (org.), *Changing Patterns of Power*. New York: State University of New York Press, 53-86.
- Nóvoa, António 1996 «L'Europe et L'Éducation: Éléments d'analyse socio-historique des politiques éducatives européennes», in Thyge Winther-Jensen (org.), *Challenges to European Education: Cultural Values, National Identities and Global Responsibilities*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Pinto, F. Cabral 1995 «A reforma curricular no ensino básico: conservadorismo e modernidade», *Educação, Sociedade & Culturas*, 4, 7-48.
- Pinto, F. Cabral 1996 *A formação humana no projecto da modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pinto, Graça M<sup>a</sup> Alves 1998 *De pequenino é que se torce o pepino (e o destino)*. Lisboa: IIE.
- Pinto, J. Madureira 1994 *Propostas para o ensino das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

- |   |       |  |
|---|-------|--|
| Pinto, J. Madureira                                     | 1996  | «Lados encobertos da iliteracia» (1 e 2), <i>Jornal de Notícias</i> , Janeiro.   |
| Pinto, J. Madureira;<br>Queiroz, M <sup>a</sup> Cidália | 1996  | «Qualificação profissional e desqualificação social na construção civil», <i>Cadernos de Ciências Sociais</i> , 15-16, 41-85.  |
| Porto, Nuno   | 1991  | <i>O corpo, a razão, o coração</i> . Lisboa: Escher.   |
| Raposo, Paulo   | 1991  | <i>Corpos, arados e romarias</i> . Lisboa: Escher.   |
| Reis, Filipe  | 1991  | <i>Educação, ensino e crescimento</i> . Lisboa: Escher.  |
| Reis, Filipe  | 1997  | «Da antropologia da escrita à literacia: algumas reflexões sobre o Estudo Nacional de Literacia», <i>Educação, Sociedade &amp; Culturas</i> , 8, 105-120.  |
| Reis, Inês;<br>Salgado, Lucília                         | 1993  | «Reprodução social e práticas de avaliação escolar», in <i>Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia</i> . Lisboa: Fragmentos, vol. I, 381-405.                          |
| Resende, José;<br>Vieira, Maria Manuel                  | 1993  | «A sociologia e o ensino superior em Portugal: um levantamento e algumas interrogações», <i>Cadernos de Ciências Sociais</i> , 12/13, 53-79.   |
| Resende, José;<br>Vieira, Maria Manuel                  | 1995  | «Debater a sociologia da educação em Portugal: uma resposta», <i>Forum Sociológico</i> , 6, 51-67.   |
| Rocha, Cristina   | 1998  | «A escolarização dos saberes: condições e consequências no caso farmacêutico», <i>Educação, Sociedade &amp; Culturas</i> , 9, 49-68.   |
| Rocha, Custódia   | 1998  | «Democracia e participação: a feminização da gestão escolar e a realização da escola democrática», <i>Revista de Educação</i> , 7(2), 29-40.   |
| Santos,<br>Boaventura Sousa                             | 1985  | «Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português», <i>Análise Social</i> , 87-88-89, 869-902.   |
| Santos,<br>Boaventura Sousa                             | 1990  | <i>O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-88)</i> . Porto, Afrontamento.   |
| Silva, Pedro  | 1991  | «A sociologia da educação e a relação escola-família», <i>O Professor</i> , 22 (3 <sup>a</sup> série), 51-53.  |
| Silva, Pedro  | 1994  | «Relações escola-família em Portugal: 1974-1994. Duas décadas, um balanço», <i>Inovação</i> , 7, 307-355.  |
| SPCE  | 1995  | <i>Estado actual da investigação em formação</i> . Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.  |
| Souta, Luís   | 1997  | <i>Multiculturalidade &amp; educação</i> . Porto: Profedições.   |
| Stoer, Stephen R.                                       | 1986  | <i>Educação e mudança social em Portugal: 1970-1980. Uma década de transição</i> . Porto, Afrontamento.  |
| Stoer, Stephen R.                                       | 1991  | «Comentário», <i>Actas da Conferência Nacional 'Novos Rumos para o Ensino Tecnológico e Profissional'</i> . Porto: ME/GETAP, 65.   |
| Stoer, Stephen R.                                       | 1992  | «Notas sobre o desenvolvimento da sociologia da educação em Portugal», in A. J. Esteves; S. R. Stoer (orgs.), <i>A Sociologia na Escola: professores, educação e desenvolvimento</i> . Porto, Afrontamento, 23-52. |
| Stoer, Stephen R.                                       | 1994a | «Construindo a escola democrática através do 'campo da recontextualização pedagógica'», <i>Educação, Sociedade &amp; Culturas</i> , 1, 7-27.   |



- Stoer, Stephen R. 1994b «O Estado e as políticas educativas: uma proposta de mandato renovado para a *Escola Democrática*», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 41, 3-33.
- Stoer, Stephen R. 1997 «Diversitat ha d'implicar èxit i també accés», entrevista realizada por Roger Martínez e Marta Rovira, *Àmbits* (Revista del Col·legi de Doctors i Llicenciats en Ciències Polítiques i Sociologia de Catalunya, Barcelona), 4, 28-34.
- Stoer, Stephen R. 1998 «Educação e 'exclusão social latente': Portugal e Europa», in H. G. Araújo *et al.* (orgs.), *Nós e os outros. A exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2, 27-34.
- Stoer, Stephen R.; Araújo, Helena C. 1992 *Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi)-periferia europeia*. Lisboa: Edições Escher.
- Stoer, Stephen R.; Cortesão, Luiza 1995 «Critical Inter/Multicultural Education and the Process of Transnationalisation: A View from the Semiperiphery», *Journal of Education Policy*, 10, 4, 373-384.
- Stoer, Stephen R.; Cortesão, Luiza 1999 «Action-Research and the Production of Knowledge in a Teacher Education Based on Inter/Multicultural Education», *Educational Action Research*, 7, 2 (no prelo).
- Stoer, Stephen R.; Cortesão, Luiza 1999 «Levantando a pedra»: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização. Porto: Afrontamento.
- Stoer, Stephen R.; Cortesão, Luiza 1987 «Education, State and Society in Portugal, 1926-1981», *Comparative Education Review*, 31, 3, 400-418.
- Stoer, Stephen R. 1990 «O novo vocacionalismo na política educativa em Portugal e a reconstrução da lógica da acumulação», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 11-53.
- Stoleroff, Alan; Stoer, Stephen R. 1989 «Educação, Trabalho, Estado: questões preliminares sobre a introdução das novas tecnologias em Portugal», *Informa*, 2, 15-23.
- Teodoro, António 1994 *Política educativa em Portugal. Educação, desenvolvimento e participação política dos professores*. Venda Nova: Bertrand.
- Teodoro, António 1995 «Reforma educativa ou a legitimação do discurso sobre a prioridade educativa», *Educação, Sociedade & Culturas*, 4, 40-70.
- Teodoro, António 1998 «Políticas educativas e novas formas de governação numa época de transnacionalização», Comunicação ao IV Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Aveiro, 18-21 de Fevereiro.
- Viegas-Fernandes, J. 1988 «From the Theories of Social and Cultural Reproduction to the Theory of Resistance», *British Journal of Sociology of Education*, 9(2), 169-180.
- Vieira, Maria Manuel 1995 «Transformação recente no campo do ensino superior», *Análise Social*, XXX(131-132), 315-373.
- Vieira, Ricardo 1992 *Entre a escola e o lar*. Lisboa, Escher.
- Wallerstein, Immanuel / Comissão Calouste Gulbenkian 1996 *Para abrir as Ciências Sociais. Relatório da Comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das Ciências Sociais*. Lisboa: Publicações Europa-América.